

TRABALHO, LAR E BOTEQUIM



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA



Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ESDRAS RODRIGUES SILVA – GUITA GRIN DEBERT

JOÃO LUIZ DE CARVALHO PINTO E SILVA – LUIZ CARLOS DIAS

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

Sidney Chalhoub

TRABALHO, LAR E BOTEQUIM
O cotidiano dos trabalhadores no
Rio de Janeiro da *belle époque*

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

C35t Chalhoub, Sidney.
Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque / Sidney Chalhoub. – 3ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

1. Trabalhadores – Rio de Janeiro (RJ) – Condições sociais. 2. Rio de Janeiro (RJ) – Usos e costumes. 3. Lazer. I. Título.

ISBN 978-85-268-0985-7

CDD 301.24098153
790.0135

Índices para catálogo sistemático:

1. Trabalhadores – Rio de Janeiro (RJ) – Condições sociais	301.24098153
2. Rio de Janeiro (RJ) – Usos e costumes	301.24098153
3. Lazer	790.0135

Copyright © by Sidney Chalhoub
Copyright © 2001 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1986 Editora Brasiliense
2ª edição, 2001 Editora da Unicamp
1ª reimpressão, 2015

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Prefaciар não é ofício leve — como raspar mandioca, exemplo de cousa tida por suave no Brasil oitocentista. Prefaciар nova edição de livro próprio, passados 15 anos da publicação original, é tarefa canhestra, quase improvável. Não sei como isso foi acontecer. Talvez eu queira finalmente dar resposta sorridente às várias pessoas que perguntam, ainda hoje em dia, quando haverá nova edição de *Trabalho, lar e botequim*. Cá está. Escrevo essas linhas e fico em paz.

O tempo e lugar de um livro explicam muito de seu feitio. A pesquisa e redação deste aqui ocorreram em meio a um turbilhão político contínuo: ressurgimento dos movimentos sociais de massa no país, luta pela derrubada da ditadura militar, anistia, redemocratização, eleições para governador, campanha para as Diretas-Já. Tempo que deixou saudade, não apenas pelo motivo próprio da juventude vivida e ida. Era um momento histórico raro, desses em que a crença no futuro vira experiência coletiva. À história vivida pertencia também a empreitada de produzir conhecimento histórico. Surgiam novos programas de pós-graduação, os debates teóricos alargavam-se, possibilidades de pesqui-

sa e exploração de fontes inéditas apareciam a cada dia. O que lembro deste livro e daquela época é de um estado de excitação política e intelectual constante, que parecia mais do que idiosincrasia individual.

Penso que o autor de *Trabalho, lar e botequim* formulava, ao lado de outros estudiosos do período, uma crítica à maneira como a sociologia e a historiografia sobre movimentos sociais em geral, e sobre movimento operário em particular, “representavam” os trabalhadores e sua experiência na história, isto é, havia a tendência de reduzir a história dos trabalhadores àquela dos movimentos políticos organizados, julgados todos a partir de um modelo determinado de desenvolvimento da “consciência de classe”. Era uma visão evolucionista e teleológica, que além disso excluía da história a maior parte dos trabalhadores — todos aqueles que nunca haviam participado de uma revolta, de uma greve, ou aderido a sociedades operárias.¹

O interesse em ler e analisar processos criminais estava exatamente na expectativa de que tais documentos flagrassem trabalhadores — homens e mulheres — agindo e descrevendo os sentidos de suas relações cotidianas fora do espaço do movimento operário, do lugar da fala política articulada. A hipótese era a de que os conflitos fora dos momentos coletivos de resistência política ajudariam a explicar as características e os limites desses movimentos. Por exemplo, a importância das rivalidades nacionais — especialmente entre brasileiros e portugueses — no Rio do início do século XX esclareceriam, em parte, os problemas do movimento operário carioca do período, e assim por diante. Essa maneira de formular o problema parece-me um tanto mecânica ou simplista — quiçá seja eu agora quem atribua simplismo ao jovem autor do livro —, mas o fato é que, à

época, era “libertadora” em dois sentidos. Primeiro, abria uma enorme possibilidade de buscar novas fontes e problemas de pesquisa, pois tornava-se “legítimo” recuperar a experiência dos trabalhadores em geral, e não apenas a daqueles mais articulados, dotados de uma determinada forma de “consciência de classe”. Segundo, na conjuntura do início dos anos 1980, “libertava” a atividade política da política tradicional, contida em partidos, sindicatos etc. — isto é, ajudava a fundamentar historicamente a idéia de que havia uma pluralidade de sujeitos políticos na sociedade, lutando a seu modo para atingir objetivos que lhes eram caros e assim governar a própria vida. Nesse sentido, foi importante, em seguida, repensar a história da escravidão, e mostrar que os sujeitos históricos mais estereotipados da história do país — pois escravos, por definição, eram heróis da resistência ou vítimas indefesas do arbítrio senhorial — foram, na verdade, muito mais ativos, sutis e complexos do que muitos logravam imaginar.²

Há coisas que ainda aprecio neste velho livro. Talvez não apenas porque goste de lembrar o gosto de descobri-las e escrevê-las. Por exemplo, a forma de apresentar, logo ao início, o modo de conceber e utilizar processos criminais como testemunho histórico. Questão candente à época. Se as fontes para o estudo da experiência dos trabalhadores já não podiam se reduzir a jornais operários e outras que tais, onde buscar alternativas? Havia um contingente de pesquisadores céticos quanto à possibilidade de utilizar processos penais para estudar temas outros que não a própria criminalidade ou as representações jurídicas sobre determinados assuntos. Tais fontes “mentem”, os depoimentos são manipulados, respondem a uma multiplicidade de interesses que os tornam praticamente inúteis para os historiadores. Outros

achavam que seria possível utilizar essas fontes para recuperar o cotidiano dos trabalhadores, seus valores e formas de conduta. Os seminários de pós-graduação pegavam fogo. *Trabalho, lar e botequim* é quase um libelo em defesa da utilização abrangente de processos criminais em estudos de história social. O livro foi bem sucedido neste sentido, pois outros pesquisadores logo dialogaram com seu modo de ler tais documentos. A polêmica, todavia, era até certo ponto equivocada. Dois ou três anos depois, Martha Abreu publicava livro primoroso mostrando que com processos judiciais podia-se fazer uma e outra coisa, e outros belos estudos se seguiram, culminando com o de Sueann Caulfield, que faz com processos muito mais do que imaginávamos há 15 ou 20 anos, e ainda mais, que aparentemente só as geringonças da informática tornaram viáveis.³

Desde a primeira edição deste meu livro, a historiografia brasileira mudou muito, diversificou-se, sofisticou-se, ampliou horizontes teóricos e apurou o rigor das pesquisas empíricas. A produção acadêmica sobre o Rio de Janeiro, já significativa em meados dos anos 1980, não cansa de surpreender em abrangência e qualidade.⁴ Seria tolice minha tentar “atualizar” o livro para esta segunda edição. *Trabalho, lar e botequim* continua a ter o seu lugar na sólida tradição da história social marxista, preocupada em descrever e interpretar a cultura política dos trabalhadores, escravos ou “livres”, homens ou mulheres, integrantes de movimentos sociais organizados ou não, e assim por diante. Num país em que o costume acadêmico e político de “coisificar” os trabalhadores — isto é, de imaginar que as suas formas de lidar com as políticas de dominação são historicamente irrelevantes — continua duro de matar, *Trabalho, lar e botequim* deve estar disponível a quem desejar lê-lo. Com os anos,

corrigi rumos e arrependi-me de um ou outro argumento presente no livro. Fiz até uma autocrítica relativamente detalhada em trabalho posterior (*Visões da liberdade*). Nunca me afastei, por um minuto sequer, do impulso original de combater produções acadêmicas que, intencionalmente ou não, contam a história do país a partir do mote da desqualificação política dos trabalhadores, escravos ou não.

Esta nova edição sai então com pouquíssimas emendas e correções. Todavia, resolvi introduzir material que ficara ausente da publicação original devido a exigências editoriais. Há aqui mais fotos encontradas nos processos criminais, um anexo, lista de fontes e bibliografia. O fato é que nada disso altera a feição do livro. Nem podia ser de outro modo. Encerro com Machado de Assis, em “advertência” ao leitor numa reedição de *Helena*, ocorrida muitos anos após a publicação original:

Ele [o livro] é o mesmo da data em que o compus e imprimi, diverso do que o tempo me fez depois, correspondendo assim ao capítulo da história do meu espírito, naquele ano de 1876.

Não me culpeis pelo que lhe achardes romanesco. [...] Agora mesmo, que há tanto me fui a outras e diferentes páginas, ouço um eco remoto ao reler estas, eco de mocidade e fé ingênua. É claro que, em nenhum caso, lhes tiraria a feição passada; cada obra pertence ao seu tempo.

Machado de Assis explicou-me. Agora posso raspar mandioca, que é ofício leve.

Sidney Chalhoub

UNICAMP, abril de 2001

NOTAS

- ¹ Para uma resenha da produção acadêmica que foi muito influente à época, ver Maria Célia Paoli, Eder Sáder e Vera da Silva Telles, “Pensando a classe operária: os trabalhadores sujeitos ao imaginário acadêmico”, *Revista Brasileira de História*, vol. 3, nº 6, set., 1983, pp. 129-49; para um balanço mais recente, Cláudio H. M. Batalha, “A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências”, in Marcos Cezar de Freitas (org.), *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, Universidade São Francisco, 1998, pp. 145-58.
- ² Quanto à escravidão, participei de um esforço coletivo de reinterpretação que resultou na publicação de vários trabalhos importantes a partir de meados dos anos 1980; ver, por exemplo, Célia M. Marinho de Azevedo, *Onda negra, medo branco. O negro no imaginário das elites: século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; Silvia H. Lara, *Campos da violência: escravos e senhores na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; João José Reis, *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês (1835)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, entre outros. Bastante representativo da produção do período é o número especial, intitulado “Escravidão” e organizado por Silvia Hunold Lara, da *Revista Brasileira de História*, vol. 8, nº 16, mar.-ago., 1988. Minha própria contribuição ao tema é *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ³ Martha de Abreu Esteves, *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da belle époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1989; Sucann Caulfield, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Editora da UNICAMP, CECULT, 2000.

- ⁴ Três exemplos recentíssimos, da melhor cepa: Martha Abreu, *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999; Maria Clementina Pereira Cunha, *Ecos da folia: uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

*Para Sandra, como uma declaração de amor;
para Beto, que renasceu; para Zé Galego, Paschoal e Júlia,
protagonistas desta história.*

SUMÁRIO

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	v
AGRADECIMENTOS	17
Introdução — ZÉ GALEGO, PASCHOAL E JÚLIA	23
<i>A vida e a morte de Zé Galego</i>	23
<i>Zé Galego e seus companheiros na história</i>	42
SOBREVIVENDO... ..	59
<i>Inquietações teóricas e objetivos</i>	59
<i>Trabalhadores e vadios; imigrantes e libertos: a construção</i> <i>dos mitos e a patologia social</i>	64
<i>Companheiros de trabalho, desempregados e gatunos</i>	89
<i>Patrão e empregado</i>	114
<i>Senhorio e inquilino</i>	130
<i>Conclusão — Ambigüidades e paradoxos na experiência de</i> <i>vida da classe trabalhadora; o caso dos estivadores</i>	147
...AMANDO... ..	171
<i>Inquietações teóricas e objetivos</i>	171

<i>O modelo dominante de relação homem–mulher</i>	177
<i>Parentes, compadres e amigos</i>	184
<i>Mulheres trabalhadoras</i>	202
<i>Mulheres “da gandaia”?</i>	211
<i>Epílogo</i>	239
...“MATANDO O BICHO” E RESISTINDO AOS “MEGANHAS”	247
<i>Inquietações teóricas e objetivos</i>	247
<i>Lazer e controle social: o dono do botequim e seus</i> <i>fregueses; meganhas e populares</i>	256
<i>Lazer e ritual (I): o surgimento da rixa</i> <i>e a preparação do conflito</i>	301
O surgimento das rixas na hora do lazer e o botequim como “observatório popular”	309
A escalada das tensões: o papel do machismo; o significado do desafio	320
<i>Lazer e ritual (II): a prática do delito e suas seqüelas;</i> <i>o comportamento dos circundantes</i>	327
Epílogo — A VOLTA DE ZÉ GALEGO E SEUS COMPANHEIROS, OU A REINVENÇÃO DA HISTÓRIA	345
Anexo — UM QUARTO NUMA CASA DE CÔMODOS	349
FONTES	357
BIBLIOGRAFIA	359

AGRADECIMENTOS

Uma versão anterior deste livro foi defendida como dissertação de mestrado em história na Universidade Federal Fluminense em outubro de 1984. A versão que o leitor tem em mãos neste momento está um tanto medicada, mas não totalmente curada, das bizantinices acadêmicas comuns em textos dessa natureza.

Encontrei muita gente e acumulei dívidas ao longo do caminho. Lembro inicialmente, com muito carinho e agradecimento, dos funcionários do Arquivo Nacional, local onde realizei quase toda a pesquisa. Freqüentei assiduamente o AN durante mais de dois anos, intrometendo-me assim no trabalho cotidiano de pessoas atenciosas como “dona” Dalila, “dona” Yara, “seu” Eliseu e tantos outros. Registro aqui especialmente o meu agradecimento aos funcionários anônimos das galerias, rostos sempre vistos em movimento e de relance, a carregar nos braços quilos e mais quilos de papel velho empoeirado. Sem o trabalho dessas pessoas, eu, como pesquisador, simplesmente não existiria.

Vários amigos me ajudaram e incentivaram de diferentes formas. Celeste Guimarães, Hebe Castro, Oswaldo

Rocha, Rachel Soihet e Sheila Faria estão entre eles. Quatro amigos têm sido meus instigadores constantes nos últimos anos, e nossas memoráveis conversas amenizaram em muito a luta solitária e estafante necessária para redigir um texto como este: Gladys Ribeiro, José Antonio Dabdab Trabulsi, Martha Esteves e Silvia Lara.

Tive sorte de contar também com o auxílio de diversos professores do curso de mestrado da UFF. O professor Victor Valla leu e comentou o projeto de pesquisa e o segundo capítulo da dissertação. O professor Ciro Cardoso auxiliou na elaboração do projeto de pesquisa, criticou detalhadamente o texto e incentivou muito a sua publicação. As professoras Margarida Neves e Maria Yedda Linhares acompanharam a pesquisa desde seu início e, como membros da banca, leram e debateram comigo todo o texto. As críticas e os incentivos que esses professores dedicam continuamente ao meu trabalho são para mim motivo de orgulho.

Não sei como agradecer ao meu orientador, professor Robert Slenes, mas vou tentar. Primeiro, e mesmo que isto seja um pouco esquisito, obrigado pelo seu profissionalismo e competência, pela sua capacidade de indicar que tipo de documento eu precisava explorar, pela sua possibilidade de adivinhar sempre que texto eu necessitava ler e pela sua habilidade em misturar em doses certas, por alguma alquimia que nunca consegui entender, crítica e encorajamento. Segundo, obrigado pela paciência e pela amizade com as quais me brindou.

Meus familiares agüentaram as variações do meu humor durante quase quatro anos. Minha mãe, Ermelinda, e minha tia, Luzia, fizeram ainda mais que isso: durante o período em que estive sobrecarregado com aulas, elas decifraram, corrigiram e datilografaram uma boa parte do manuscrito.

Sandra suportou meus momentos de ansiedade e incerteza e, como idéias se fecundam com paixão, ela é a minha cúmplice nas eventuais ousadias do texto.

Agradeço, ainda, à CAPES e à FINEP, que financiaram parcialmente a pesquisa com a concessão de bolsas de estudo. Maria Rita Coriolano datilografou a versão final do texto com interesse.

Finalmente, como forma de último agradecimento a todos, registro que o texto que se segue é resultado não só de longas e árduas horas de angústia e de trabalho, mas também de muito prazer e diversão. Cada página foi escrita com muita garra e sentimento, porém estas três, que acabo de escrever e que são as últimas, foram as que escrevi com maior emoção.

Rio, janeiro de 1986

